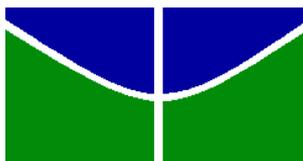


**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CARINA MOURA DE CARVALHO

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Brasília
2014**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CARINA MOURA DE CARVALHO

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, como recurso de obtenção de título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação da professora Dr^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Brasília, novembro de 2014

CARINA MOURA DE CARVALHO

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia,
Faculdade de Educação, Universidade
de Brasília, como recurso de obtenção
de título de licenciada em Pedagogia,
sob a orientação da professora Dr^a
Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Dr^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dr^a Silmara Carina Dornelas Munhoz

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, novembro de 2014

CARINA MOURA DE CARVALHO

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, como recurso de obtenção de título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação da professora Dr^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Prof^a. Dr^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)
Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a Silmara Carina Dornelas Munhoz
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Universidade de Brasília

Brasília, novembro de 2014

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me guiou e me fez chegar até onde estou hoje; à minha família; aos amigos; aos meus mestres e professores e também à minha querida orientadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me iluminar e me abençoar no decorrer de minha trajetória acadêmica.

À minha mãe e irmãs, por terem me apoiado e terem tido muita paciência comigo. Em especial a minha irmã Camila, que me auxiliou e me deu alguns conselhos. Sem elas não sei o que seria de mim!

Quero agradecer às minhas grandes amigas que conheci na faculdade. E, especialmente à Camilla, Ana Paula e Cássia, que fizeram os meus dias na UnB serem mais proveitosos e divertidos.

Agradeço à minha amiga e professora Nathália, que com sua competência e experiência em sala de aula me proporcionou uma grande aprendizagem, nesse ano em que trabalhamos juntas.

Agradeço a todos os professores que de alguma maneira contribuíram de forma positiva na minha trajetória escolar e acadêmica.

Agradeço a professora Teresa Cristina, que me orientou com muita dedicação, competência e carinho.

Por fim, quero agradecer de coração a todos que não mencionei, mas que de alguma forma contribuíram na minha jornada.

Às vezes tenho a impressão de que escrevo por simples curiosidade intensa. É que, ao escrever, eu me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia.

Clarice Lispector

CARVALHO, Carina Moura de. **Afetividade na relação professor/aluno no contexto da educação infantil**. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho final de curso), 2014.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar acerca sobre a afetividade na relação entre professor/aluno no âmbito da educação infantil. Tal investigação, de cunho qualitativo, teve como participantes quatro professoras que atuam na educação infantil em uma escola localizada no Guará. Foi utilizado como instrumento um questionário semi-aberto. As análises foram realizadas utilizando-se de interpretações e ainda de uma adaptação da análise de conteúdo. Pretendeu-se identificar a relevância das questões sobre afetividade que interferem no processo de ensino e aprendizagem da criança. Descrevemos os aspectos teóricos da afetividade e como contribui na relação educativa. Vários teóricos subsidiaram a construção desse trabalho, tais como Vigotsky e Wallon, dentre outros. Os resultados indicam que as participantes dessa pesquisa percebem a importância do vínculo afetivo nas relações interpessoais com seus alunos da educação infantil. Conclui-se que a afetividade é importante no cotidiano da vida escolar e é um grande diferencial na construção do conhecimento e do desenvolvimento cognitivo, físico, social e emocional da criança.

Palavras-chave: afetividade, professor, aluno e educação infantil.

CARVALHO, Carina Moura de. **Afetividade na relação professor/aluno no contexto da educação infantil**. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação (Trabalho final de curso), 2014.

ABSTRACT

This study aims to investigate about the importance of affectivity in the relationship between teacher and student within the kindergarten. Such an investigation was conducted by analysis of questionnaires completed by four teachers who work in early childhood education. It is intended to identify the relevance of these issues also affect the teaching and learning process of the child. We describe the theoretical aspects of affectivity and contributes to the educational relationship. Several theorists have subsidized the construction of this work, such as Vygotsky, and Wallon, among others. The methodology was qualitative. The instrument used was a questionnaire completed by four participants. We conclude that the affection is important in everyday school life and is a great advantage in knowledge construction and cognitive, physical, social and emotional development of children.

Keywords: affection, teacher, student and early childhood education.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO	
MEMORIAL.....	13
PARTE II – MONOGRAFIA	
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I	22
1.1 AFETIVIDADE.....	22
1.2 AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
CAPÍTULO II	34
2.1 RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO.....	38
2.2 RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	40
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	41
3.1 MÉTODOS.....	41
3.2 INSTRUMENTOS.....	41
3.3 PROCEDIMENTOS.....	41
3.4 PARTICIPANTES.....	42
CAPÍTULO IV- ANÁLISE DE DADOS	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
PARTE III- PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	54
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES	58
APÊNDICE 1- QUESTIONÁRIO.....	58
APÊNDICE 2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	63

APRESENTAÇÃO

Este trabalho está dividido em três partes. Primeiramente, no memorial, encontra-se descrito um breve relato do meu percurso escolar e acadêmico. A segunda parte integra a minha monografia, na qual o primeiro capítulo traz conceitos sobre afetividade, envolvendo também sentimentos e emoções, além de trazer questões referentes à afetividade na educação infantil.

O segundo capítulo adentra nas características da relação professor/aluno e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

O terceiro capítulo aborda: a metodologia, o método utilizado, os participantes da pesquisa, o instrumento e os procedimentos fundamentais. O cunho metodológico foi a pesquisa qualitativa, realizada com professoras da educação infantil, com o objetivo de avaliar a importância da afetividade, na perspectiva das próprias educadoras.

No quarto capítulo é apresentada a análise de dados, na qual são informados os resultados encontrados nessa pesquisa.

Posteriormente, são apresentadas as considerações finais acerca dos temas abordados.

Por fim, na terceira parte, veremos as minhas perspectivas profissionais futuras, onde relato algumas pretensões referentes ao trabalho e estudos.

PARTE 1

MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL

Eu me chamo Carina Moura de Carvalho e tenho 23 anos de idade. Nasci no dia seis de setembro de mil novecentos e noventa e um, na cidade de Brasília e cresci na cidade satélite do Guará, situada no Distrito Federal. Sou filha de Maria da Penha Silva de Carvalho, administradora e servidora pública aposentada. E filha de Miguel Moura de Carvalho, atualmente funcionário da secretaria do estado do Piauí. Tenho duas irmãs: Camila Moura de Carvalho, que tem cinco anos a mais do que eu e é psicóloga, e Marina Moura de Carvalho, minha irmã gêmea e estudante de Direito.

Minha trajetória escolar iniciou-se aos 4 anos de idade. Minha primeira escola se chamava São Francisco e estava localizada na cidade do Guará, era uma instituição privada. Lembro-me do meu primeiro dia no Jardim II, que foi um dia um tanto traumático para mim. Ao chegar à escola fui apresentada a minha professora Keila e recordo-me que chorei bastante ao me despedir de minha mãe. A primeira semana foi muito difícil, chorava quase todos os dias. Acredito que a parte mais dolorosa era saber que minha irmã gêmea estava estudando na sala ao lado e não poderia estar comigo, me sentia absolutamente sozinha. Logo superei essa fase de adaptação, já não chorava como antes e passei a me relacionar melhor com os colegas e com as professoras.

No ano seguinte, já no Jardim III, passei por um processo de mudança de escola e fui estudar na Escola Adventista do Guará. Por conter apenas uma classe de pré-alfabetização nessa instituição, fiquei na mesma turma da minha irmã, isso me causou muita felicidade! Sentávamos nas carteiras próximas uma da outra e sempre realizávamos as tarefas juntas. Este foi um ano tranquilo.

A primeira série foi muito difícil para mim! Ocorreu em um período em que contraí Hepatite A, uma doença infecciosa. Devido a esse fato, precisei ficar aproximadamente dois meses em repouso, sem poder ir para escola e sem poder brincar com meus colegas. Lembro-me que a professora enviava as tarefas através de minha irmã e eu as realizava em casa, juntamente com a minha mãe. A professora Hilda, era super afetiva e carinhosa. Recordo-me do dia em que ela gentilmente me fez uma visita e levou consigo um cartão elaborado pela turma, o qual me deixou bastante feliz. Até

hoje o guardo com muito carinho! Por causa desse período em que passei fora da sala de aula, tive um pouco de dificuldade em retomar as atividades escolares, mas acredito que isso não tenha prejudicado em muito a minha aprendizagem.

Na minha segunda série, devido a uma crise financeira vivenciada por minha família, fui estudar na Escola Classe 05. Esta é uma instituição pública, tida como uma escola modelo e com uma boa fama na região do Guará. Este foi um ano em que conheci e pude conviver com crianças que tinham uma vida totalmente diferente da minha. Crianças extremamente pobres que moravam em regiões carentes do DF. Foi um ano de bastante aprendizagem.

Já da terceira série tenho pouquíssimas recordações. Não consigo nem lembrar o nome da minha professora.

Na quarta série minha professora se chamava Fádua, ela era muito gentil e carinhosa. Porém, por motivos de saúde, ela quase não assumiu a turma, passou mais da metade do ano afastada da escola. Com isso, tive diversos professores substitutos. Foram tantos que não consigo me recordar de todos. Lembro-me apenas do professor Rafael, que era muito engraçado e fazia todos rirem bastante durante a aula.

Neste ano também, entrou uma colega especial na minha classe que se tornou a minha melhor amiga, ela se chamava Loiane. Analisando hoje a situação dela, tendo como base minhas poucas recordações, acredito que ela tinha algum tipo de paralisia cerebral, claro que na época eu não tinha esse conhecimento e nem noção da condição dela. Contudo, tinha a consciência de que ela era diferente e que ela precisava de mim, e então passei a ajudá-la em tudo. Sentava ao lado dela todos os dias, sempre a ajudava a falar, a ler e a escrever, e também tentava integrá-la aos outros grupos de crianças, que infelizmente não a aceitavam. Logo, nossas famílias se conheceram e construímos uma amizade fora da escola, até o triste momento em que a família de Loiane precisou mudar de cidade, com isso nunca mais nos vimos e perdemos de vez o contato.

Ao relembrar essa história de amizade com a Loiane, pude notar traços de minha personalidade que até hoje me identificam e que me auxiliaram na escolha do curso de Pedagogia. Desde criança, gosto de me sentir útil e ajudar quem realmente precisa. Sempre fui sensível, buscando me colocar no lugar do próximo em diversos tipos de situações.

No ano de 2003, voltei para a Escola Adventista do Guará para cursar a quinta série. Reencontrei alguns amigos que haviam ficado para trs e conheci pessoas novas. Fiz verdadeiras amizades nesse período que ainda hoje cultivo com muito amor! Este foi um ano muito bom em que eu era uma excelente aluna, tirava as melhores notas da sala, juntamente com a minha irmã. Os professores me elogiavam bastante e eu gostava muito de todos eles. Claro, que sempre preferi a área de humanas, apesar de me sair muito bem em matemática e outras ciências exatas.

O ano seguinte, a sexta série, foi um ano um pouco turbulento para mim. Minha irmã e eu passamos a ser perseguidas por outros colegas, pelo fato de tirarmos as melhores notas da classe e por sermos modelos de bom comportamento. Riam de nós e chamavam-nos de “nerds” a todo o momento. Havia outro agravante, minha irmã possui uma séria deficiência visual, isso faz com que ela necessite de utilizar uns óculos com as lentes bem grossas. Ela ficava muito triste quando algumas crianças a chamavam de “quatro olhos” ou zombavam da cara dela. Sempre tentei defendê-la de todas as maneiras possíveis, mas eu também era motivo de piada...

Logo chega a sétima série, e com ela mudanças começam a acontecer em minha vida. Ainda era considerada uma das melhores alunas da sala, entretanto, começava a apresentar algumas pequenas dificuldades em matemática e já não me empenhava devidamente nos estudos. Conquistei aos poucos o mínimo respeito dos colegas; eu e minha irmã já não ramos alvos de brincadeiras sem graça. Lembro-me que neste ano foi o primeiro em que visitei a sala da coordenao por motivos de mau comportamento, pois quebrei o fichário de um menino que tentava me desconcentrar da atividade que eu estava realizando. Arrependi-me no exato momento em que tomei esta atitude e tive que segurar o choro em frente à coordenadora, pois me senti a pior pessoa do mundo ao ouvir uma baita bronca que até hoje considero desmerecida. Definitivamente nunca consegui me adaptar a esta escola, devido a isso, no ano seguinte minha querida mãe tomou a iniciativa de me matricular em uma nova instituio.

No ano de 2006 fui matriculada no Colégio Maxwell, uma instituio particular localizada no Guará. Dar-se início a oitava série do Ensino Fundamental. Penso que este foi um dos melhores anos escolares da minha vida, conheci pessoas bem diferentes e que se tornaram amigos próximos de mim. Foi neste período que comecei a notar a existência de uma cobrança, em relao a minha escolha profissional futura, por parte

dos parentes, professores e sociedade. Todos já me perguntavam que profissão eu iria seguir. Confesso que ainda não me importava tanto com o futuro e ainda possuía diversas dúvidas sobre a escolha a ser tomada.

Contudo, voltei a me dedicar fortemente aos estudos, apesar de cada vez mais se evidenciarem as minhas imensas dificuldades nas ciências exatas. Neste ano fui apresentada às disciplinas de física e química, a elas devo as primeiras notas baixas do meu boletim escolar.

Um novo ciclo se inicia no ano de 2007. Neste momento eu estava adentrando no Ensino Médio, isso significaria que deveria adquirir novas responsabilidades e amadurecer um pouco mais. Através da indicação de uma amiga e devido à conquista de uma bolsa de estudos, resolvi estudar no Colégio Notre Dame de Brasília. Trata-se de uma instituição particular e religiosa, localizada na Asa Sul. Recordo-me que a primeira vez que visitei a escola fiquei surpreendida com o tamanho dela, pois nunca havia estudado em um colégio tão grande. Havia piscina, três quadras de esporte, vários laboratórios e três grandes prédios. Fui muito feliz ali!

Confesso que os primeiros meses foram os mais difíceis para mim, devido à escola possuir uma metodologia diferente da que eu estava habituada e também por ser considerada bem mais puxada e rígida. Lembro que tinha muita dificuldade em me adaptar à rotina pesada de aulas. Contudo, logo superei essa fase inicial de estranhamento e as coisas foram entrando nos eixos.

Aos poucos fui fazendo verdadeiras amizades e grupos de estudos. Adorava ficar no período contrário de aula para fazer trabalhos ou estudar para provas. Sentia-me super adulta ao ficar o dia todo no colégio, sem a presença dos pais e também ao poder andar de ônibus, sozinha com a minha irmã.

O segundo ano do Ensino Médio foi muito produtivo, embora meu rendimento escolar tenha caído significativamente neste período. Ali conheci professores bem divertidos e bastante competentes. Minhas matérias preferidas eram: história e geografia. Foi neste ano que realmente comecei a pensar na escolha de uma profissão para minha vida, embora não tenha chegado a nenhuma conclusão. Também descobri meu lado artístico. Eu e meus amigos, a pedido do professor de literatura, fizemos uma

adaptação teatral do romance “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. Foi um sucesso na turma e tivemos que apresentar para toda a escola.

Minhas notas caíram bastante e pela primeira vez fiquei em recuperação no final deste ano. Obviamente em química e física. Entretanto, empenhei-me muito e consegui passar de ano sem muitas preocupações.

Finalmente, chega o tão esperado terceiro ano do Ensino Médio. Este ano foi de muita diversão e alegria. Os terceiros anos participavam de trotes nas últimas sextas-feiras de cada mês e isso deixava um clima diferente na escola, pois todos participavam e se divertiam. Ocorreu em julho, a gincana da escola e nós do terceiro ano eramos líderes do colégio. Foi uma bagunça só.

No meio do ano muita gente da minha sala conseguiu adentrar na UnB. Isso me fez ter um estímulo a mais para poder estudar, para um dia quem sabe, também estar lá dentro, já que perdi a inscrição desse vestibular.

Terminado o ano de 2009 e com isso se encerrado o meu ensino médio, eis que surgem dúvidas e medos na minha cabeça. O que fazer da vida? Faculdade ou concurso público? Que profissão seguir? Foi então que através do incentivo de minha família, me matriculei em um cursinho pré-vestibular.

Durante um semestre inteiro fiquei estudando para o vestibular. Mas, confesso que até começarem as inscrições para a prova, ainda me restavam algumas dúvidas sobre qual curso escolher. Claro, que devido a algumas habilidades próprias e analisando traços de minha personalidade, já havia pensado em algumas opções. Eram elas: Serviço Social, Psicologia ou Pedagogia. Pesquisando muito bem sobre cada uma delas e através de uma conversa com uma profissional da área, optei pelo curso de Pedagogia.

Depois de realizados os dois dias tão cansativos de provas, veio à expectativa de aguardar o resultado. Recordo-me perfeitamente deste dia, pois não foi tão agradável assim... Ao chegar o horário de divulgação do resultado, resolvi procurar primeiro pelo nome da minha irmã, que também havia feito às provas. Então veio a grande surpresa, minha irmã não havia passado e eu sim. Experimentei duas sensações ao mesmo tempo: felicidade, porque consegui realizar o sonho de estudar na Universidade de Brasília; e a

de tristeza, por minha irmã não compartilhar da mesma alegria e não poder estar lá comigo.

Passado quase três meses de espera, chegou o grande momento de conhecer verdadeiramente a UnB! Logo de início me identifiquei com as pessoas que também eram calouras e já no primeiro dia de aula fiz grandes amizades que pretendo levar para o resto da vida.

Os primeiros semestres foram muito legais. Cursei disciplinas de outros departamentos, que acrescentaram muito no meu currículo e na minha aprendizagem. Fiz matérias de psicologia, educação física, música, dentre outras. Aos poucos, fui me encantando cada vez mais pelo curso de Pedagogia, escolha melhor não poderia ter feito.

No meu terceiro semestre tive a oportunidade de participar de um projeto de extensão, chamado “Educação Integral e Inclusão Social”, do professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro, no qual permaneci por dois anos consecutivos. Trata-se de um projeto em que profissionais, juntamente com estudantes, das áreas de educação e saúde, realizam um trabalho em conjunto para auxiliar famílias carentes da cidade do Recanto das Emas. A equipe de profissionais e estudantes de educação fica encarregada de elaborar e realizar atividades pedagógicas, com crianças de 3 a 12 anos; enquanto que a equipe de saúde visita as famílias para fazer avaliação médica e psicológica. Nesse período adquiri uma grande experiência e paixão pelo meu curso.

Atualmente faço estágio em uma escola particular, com crianças em idade de pré-alfabetização, na Educação Infantil. Nessa experiência, fui contemplada para ser assistente de uma professora pouco afetiva, considerada pelos próprios alunos, uma pessoa extremamente nervosa, rígida e causadora de grande temor nas crianças. Devido a isso, surgiram-me alguns questionamentos que me levaram a escolha do tema do presente trabalho.

Durante toda a minha trajetória escolar, só me recordo de professores carinhosos e legais comigo, nunca tive nenhuma experiência negativa que me fizesse algum trauma, ou coisa do tipo. Acredito que é de fundamental importância o professor ser carinhoso e amigo dos estudantes; uma boa relação entre professor e aluno pode ter influências positivas na aprendizagem dos alunos. Portanto, meu tema de monografia se

insere nesse contexto de analisar a importância da afetividade na relação professor/aluno.

Finalizo o meu memorial agradecendo a todos os professores que de alguma maneira fizeram parte da minha vida. Conheci vários profissionais competentes que me levaram a ser a pessoa que sou hoje. Desejo, em um futuro próximo, poder fazer a diferença na vida de meus alunos, assim como eles fizeram na minha.

PARTE 2

MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

A afetividade é algo que permeia nossas vidas e nossas relações com as demais pessoas. É o que nos ajuda a conviver em sociedade, pois o ser humano já nasce sendo um ser social. Desse modo, o afeto faz parte do nosso cotidiano.

A afetividade é a base deste estudo, uma vez que, acredita-se que esse tema é a ponte que impulsiona a prática docente, uma vez que, identificam-se aspectos relevantes no ambiente escolar afetivo, que interferem no processo educativo do aluno.

A partir dessa temática, abordaremos a importância da afetividade na educação infantil e em qual maneira ela se faz presente. Trataremos da sua relevância no processo ensino e aprendizagem, as vantagens e desvantagens dessa relação entre educador e educando.

A análise dessa temática será baseada em um questionário de cinco questões, respondido por professoras da educação infantil.

O presente estudo abordará a mencionada relação de afetividade na relação professor/aluno no âmbito da educação infantil, sendo estes seus objetivos gerais e específicos:

OBJETIVO GERAL: Analisar a compreensão das questões de afetividade entre professor/aluno na visão de quatro professoras de uma instituição particular, que lecionam na educação infantil.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a) Identificar a importância do vínculo emocional entre professor/aluno da educação infantil e suas consequências no processo ensino-aprendizagem.
- b) Compreender a visão das professoras em relação aos vínculos estabelecidos com seus alunos.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte do trabalho, sob a luz de alguns teóricos, serão apresentadas questões de afetividade e as influências desta no processo ensino e aprendizagem e na relação professor/aluno.

1.1 AFETIVIDADE

A afetividade está fundamentalmente articulada ao processo de conhecimento, direção e atuação do indivíduo, no vasto e complexo meio social que o cerca (MOSQUERA; STOBAUS, 2006).

A relação entre os sentimentos e o processo cognitivo proporciona ao sujeito uma vivência de ampla sensibilidade, que pode vir a ser mais contemplada, conforme cada indivíduo expande a sua capacidade afetiva e suas potencialidades únicas (MOSQUERA; STOBAUS, 2006).

Wallon (apud NUNES; SILVEIRA, 2009) diferencia os conceitos de emoção e de afetividade. O primeiro termo faz referência às distintas reações (sob intervenção do sistema nervoso) em que acontecem transformações no modo de respirar, no ritmo metabólico, cardíaco, palpitações, tremores e etc. A emoção é uma forma de manifestação da vida afetiva do indivíduo. A segunda é um conceito mais detalhado, que envolve alguns outros processos, como o falar, o andar, o desejo e até mesmo a própria emoção.

É dessa relação sujeito-meio que Wallon irá estabelecer o desenvolvimento da criança, porque compreendê-la de maneira contextualizada permite perceber a dinâmica entre o ambiente e ela, a cada idade e de maneira específica. (NUNES; SILVEIRA, 2009).

De acordo com Wallon, o estudo da criança deve ser executado tendo como análise as fases de desenvolvimento infantil. Essa investigação precisa ser analisada de acordo com o método da observação. Cada idade do indivíduo compõe um conjunto inseparável e original. Desta maneira, a concepção da infância de Wallon contempla o ser humano como biologicamente social (NUNES; SILVEIRA, 2009).

Os estágios de desenvolvimento da pessoa propostos por Wallon são:

- a) Período Impulsivo Emocional (até o 1º ano de vida): o bebê se comunica através da emoção (choro, medos, etc.). As primeiras manifestações emocionais geram efeitos no ambiente, mobilizam a presença do outro, logo sendo um contato de caráter social
- b) Sensório-motor projetivo (1 aos 3 anos): A criança passa a entender o mundo físico, a explorá-lo. Ela usa de uma inteligência prática (o conhecimento motor e perceptivo da realidade). O pensar está associado aos gestos e movimentos. Também, nessa fase dar-se o início do desenvolvimento da função simbólica (ocasionada pela ação).
- c) Personalista (3 aos 6 anos): Predomínio dos aspectos afetivos na relação da criança com o ambiente que a rodeia. Busca de autonomia e “negação” do outro. A criança ainda possui um vínculo forte com a família e apresenta necessidades de aprovação.
- d) Categorical (6 aos 11 anos) : Os interesses da criança agora são pelos objetos externos. Há o avanço no plano da inteligência, a criança pensa construindo categorias (percebe a realidade de maneira mais objetiva). Além disso, dar-se os conflitos entre conservar a relação com as pessoas importantes para a criança e ampliar o universo de atividades a serem exploradas.
- e) Adolescência (a partir dos 11 anos): É um estágio especificamente afetivo, onde o indivíduo vivencia uma série de conflitos internos e externos. É o momento de construção de si, da procura de novos sentidos.

Cada estágio de desenvolvimento possui suas características únicas. Contudo, as realizações intelectuais/afetivas de um período, colabora para o acontecimento da etapa seguinte, que por sua vez, completa as realizações anteriores, formando novas, ao mesmo tempo em que diferencia-se da etapa passada. (NUNES; SILVEIRA, 2009).

Afetividade possui uma compreensão mais vasta e detalhada, abrangendo uma série maior de manifestações que abarcam sentimentos (natureza psicológica) além da emoção (natureza biológica). Surgem em uma etapa mais tardia na evolução da criança, ao aparecer os elementos simbólicos. De acordo com Wallon, com o aparecimento dos elementos simbólicos, ocorre a mudança das emoções em sentimentos. No decorrer do desenvolvimento dar-se um processo de “confusão” das emoções, especialmente ao surgimento da apreensão dos sistemas simbólicos estabelecidos na cultura social, o qual dar- se ênfase à linguagem falada (LEITE; TAGLIAFERRO, 2005).

Conceitualmente, a afetividade deve ser distinguida de suas manifestações, destoando-se do sentimento, da sensação e apego. A afetividade é uma área mais vasta, dado que inclui esses últimos, tal como as preexistentes expressões de tonalidades afetivas fundamentalmente orgânicas. Em outros termos, a afetividade é outra forma para que se identifique um domínio funcional amplo e, nele surgem diversas manifestações, a partir das primeiras, essencialmente orgânicas, ate mesmo as variadas como emoções e sentimentos (ALMEIDA, 2008).

Ao longo da historia da humanidade, a emoção foi a responsável pela congregação dos indivíduos. As mesmas apresentam-se como um elo entre o individuo e o espaço físico, como também entre o indivíduo e seus demais. Esses laços interindividuais surgem nos primeiros dias de vida e se fortificam a partir das emoções, até mesmo antes do raciocínio e intenção do individuo. (ALMEIDA, 2008).

A afetividade não surge pronta e nem permanece imutável. Evolui ao longo do desenvolvimento humano; é construída e transformada de um período para o outro, devido ao fato de que à medida que o individuo se desenvolve, suas necessidades afetivas se tornam cognitivas (WALLON apud ALMEIDA,2008).

Conforme Almeida (2008) existe a alternativa de ocorrer estágios de desenvolvimento da afetividade, visto que Wallon parece apresentar um avanço da afetividade que, de acordo com a interpretação da autora, dar-se inicio nos primeiros momentos de vida e se estende no decurso do desenvolvimento, especificando-se em suas maneiras de exibição perante ao convívio social. A autora considera que essa suposição seja admissível, à medida que as condições de bem estar e mal estar mostram-se primeiramente já com implicações afetivas, associados às sensibilidades orgânicas e seguidamente determinam-se em manifestações distintas, como os sentimentos, emoções e paixões. Essas manifestações surgem em épocas desiguais da evolução infantil, e aliam-se a êxitos cometidos no domínio intelectual, alterando suas formas.

Algo importante a ser ressaltado, quando o tema abordado é a afetividade, é o sentimento, “que corresponde à expressão representacional da afetividade. Não implica reações instantâneas e diretas como na emoção.” (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p.21). Dessa maneira, imagina-se que o sentimento é algo produzido, e não algo efêmero, como se define a emoção.

Todas as convivências humanas, a partir dos mais longínquos períodos da história, são transpassadas pelos sentimentos. Esses sentimentos são capazes de assumir distintas formas, podendo ser afetividade ou desdém, amor ou ódio, afabilidade ou

apatia. Contudo, não há relações humanas destituídas de sentimentos. Esse sentimento por tantas vezes é capaz de ser elemento decisório em determinadas circunstâncias, podem conduzir a vida de alguém, essencialmente quando se refere a uma criança. O modo como uma criança é tratada pelos adultos pode intervir bastante em sua personalidade e temperamento. No decurso da vida, as pessoas necessitam de acolhimento. Ninguém deve ser desprovido de respeito, amabilidade, admiração e afeição, uma vez que são nutrientes imprescindíveis a existência humana (BISCARRA,2012).

Segundo Wallon (1995) as influências afetivas que cercam o indivíduo desde o seu nascimento, exercem uma ação determinante na sua evolução mental. Não necessariamente por criarem as suas maneiras de sentir e de agir, mas, devido a direcionar-se aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das formações nervosas condicionam em potência, e por sua intermediação, as reações de ordem fundamental e íntima.

Entre a emoção e a atividade intelectual há a mesma evolução, o mesmo antagonismo. Primeiramente, antes de ser feita qualquer análise, o rumo de uma determinada situação se impõe pelas atividades que estimula, pelas disposições e comportamentos que desencadeia. No desenvolvimento psíquico, esta intuição prática antecede o poder de comparação e de discriminação, é um inicial modo de compreensão, contudo ainda totalmente dominada pelo interesse momentâneo e fundamentada em acontecimentos particulares. Entre os homens, é o acordo ou a reciprocidade de comportamentos que podem primeiramente realizar uma espécie de contato e de entendimentos mútuos, porém ainda completamente integrados pelos apetites ou pela impulsividade do momento atual. Uma imagem que ajuda a realizar uma comparação e uma previsão só poderá surgir destas reações concretas e pragmáticas sintetizando gradativamente a parte das reações posturais, ou melhor, das emoções e da afetividade. (WALLON, 1995).

Inversamente, toda vez que enfatizam atitudes afetivas e a emoção, a imagem deixará a sua polivalência. É o efeito que se pode observar constantemente nos adultos: diminuição da emoção através do domínio desta, ou fácil tradução intelectual dos seus motivos ou circunstâncias, fracasso do raciocínio e das representações objetivas pela emoção. O processo das reações puramente ocasionais, emocionais, pessoais de uma criança, é prolongado até que se alcance um conceito mais sólido das coisas, e são constantes ou regressos (WALLON, 1995).

Conforme o autor:

A criança que é solicitada pelo sentimento não tem, perante as circunstâncias, as reações instantâneas e diretas da emoção. A sua atitude é de abstenção, e se observa, é com um olhar longínquo ou furtivo que recusa qualquer participação ativa nas relações que encadeiam a sua volta. Procurar que participe nessas relações põe-na de mau humor, pela sua falta de capacidade e de gosto pelos contatos demasiado rápidos com as outras pessoas (WALLON, P.144,2005)

É indiscutível que o afeto e até mesmo a paixão serão tanto mais eficazes, globais e absolutos quanto mais propagem uma afetividade mais ardente, aonde persistam em exercer determinadas reações, ao menos involuntárias, da emoção. Além disso, não deixam de ser a restrição da emoção inovada por outras influências (WALLON, 1995).

De acordo com Wallon, a afetividade é fundamental para o desenvolvimento da criança, que o toque e o carinho são fundamentais para um aprendizado melhor. (LOPES; MENDES; FARIA 2005).

No que se refere ao desenvolvimento da afetividade, Vygotsky (apud OLIVEIRA; REGO, 2003) acreditava que o atributo das emoções admite modificações de acordo com o avanço do conhecimento conceitual e dos processos cognitivos da criança. Os instrumentos culturais internalizados pelo indivíduo compõem ferramentas mediadoras para a transformação do domínio afetivo, no decorrer da trajetória de vida de cada integrante da raça humana, distanciando-o de sua origem biológica e beneficiando-o de conceitos histórico-culturais. Através dessa lógica, se pode assegurar que a imersão dos indivíduos em normas e relações sociais demarcam emoções mais profundas e mais resignadas a procedimentos de auto regulação regidas pelo intelecto.

Vygotsky (apud NAVARRO; AMORIM, 2012) busca esclarecer a questão da transição das primeiras emoções para as experiências emocionais superiores, especialmente no que se trata da questão de os adultos possuírem uma vida emocional mais complexa do que as crianças. O autor acredita que as emoções nunca desaparecem, porém sofrem uma transformação, afastando-se da sua origem biológica e promovendo-se como um fenômeno histórico cultural.

Assim sendo, enfatiza-se que Vygotsky e também Wallon, enxergam a emoção estando relacionada com o processo de necessidades que conduzem o desenvolvimento psíquico, a qual é uma elaboração muito complexa. Vygotsky não diferencia intelecto de afeto pois procura uma abordagem ampla, que seja apta a compreender o indivíduo como uma totalidade (LEITE; COLOMBO, 2006).

De acordo com Vygotsky :

No que se refere às variações sofridas pela força da emoção desde o homem primitivo até nossos dias, seu caminho, que era considerado como continuação direta da evolução, consistia no seguinte: na medida em que o desenvolvimento da psique humana foi avançando, as emoções retrocederam. Essa foi, segundo Ribot, a gloriosa história da morte de todo um setor da vida psíquica (VIGOTSKY, p.82, 2003).

Compreendendo melhor, a afetividade é a dinâmica mais ampla que a humanidade é capaz de lidar e tem-se início, desde o instante em que um indivíduo se une ao próximo por intermédio do amor, formando desse modo um vasto aspecto de emoções relacionados ao enredo das relações sociais, em que a gênese dos laços afetivos devem ser compartilhados a fim de que as relações afetivas se consolidem (NAVARRO; AMORIM, 2012).

De acordo com a perspectiva teórica Piagetiana, a criança passa por momentos no decorrer de seu desenvolvimento que se definem por uma centralização em si mesma, em seus referenciais próprios. Dar-se uma inexistência do reconhecimento das regras de convivência social. Posteriormente, a criança progride para um sentimento moral de obediência, até que se construam maneiras de pensar e agir tendo como base a autonomia, com um discernimento de reciprocidade em sua relação com os demais. O autor admite que essa trajetória na evolução da consciência moral (bem como da intelectual) se executa numa estreita relação com o meio social (NUNES, SILVEIRA, 2009).

Piaget também aborda sobre o tema afetividade:

Inteligência e afetividade são diferentes em natureza, mas indissociáveis na conduta concreta da criança, o que significa que não há conduta unicamente afetiva, bem como não existe conduta unicamente cognitiva; a afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o, ou perturbando-o, acelerando- ou retardando-o; a afetividade não modifica as estruturas da inteligência, sendo somente o elemento energético das condutas”. (PIAGET apud OLIVEIRA; REGO, 2003).

É importante ressaltar que, para Piaget, a afetividade não se resume aos sentimentos e emoções, envolvem além disso, as tendências e vontades do indivíduo. O autor ao empregar o termo “funções afetivas”, o faz em uma definição mais abrangente. Ao discursar sobre a percepção, recorda seu caráter seletivo em virtude da afetividade.

Segundo Wadsworth (1997) os primeiros sentimentos sociais bem estabelecidos aparecem no decorrer do desenvolvimento pré-operacional. É certo que as crianças menores apresentam afeto e possuem sentimentos de gostar e não gostar, porém o

entendimento e principalmente a linguagem falada são mecanismos na elaboração dos desenvolvimentos sociais. A representação possibilita a origem de imagens das experimentações, abrangendo as experiências afetivas. Desse modo, as experiências afetivas acabam possuindo como resultado, a capacidade de duração maior do que as próprias ocorrências vividas.

Piaget alega que o alicerce para a permuta social é a reciprocidade de posturas e valores entre as crianças e os demais. Essa maneira de troca, a reciprocidade; impele, ou pode impelir cada indivíduo a apreciar o outro (respeito mútuo). Todo ser é estimado pelo outro de algum modo. Nas relações consecutivas, os valores decorrentes das ações mútuas não desaparecem, contudo são interpretados e rememorados. Em efeito de estes valores serem retidos, como representações, os intercâmbios vindouros possuem maiores expectativas de precipitarem experiências afetivas benéficas ou maléficas (WADSWORTH, 1997).

Segundo Almeida (2008) a vida afetiva de uma criança estabelecida por meio de uma simbiose alimentar é brevemente trocada por uma simbiose emocional com o meio social. As relações sociais se solidificam com a emoção, é através delas que ocorre a união entre os seres promovendo a cooperação do outro, resultando na delimitação do eu infantil.

A afetividade, manifestada pelos sentimentos, representa as relações interpessoais e é fundamental para a ação vital no mundo circundante. Através das alterações dos sentimentos e de sua expressão comportamental, pode-se averiguar a mudança de atitude do sujeito perante as situações estáticas ou instáveis de sua vida, em diferentes contextos de espaço e tempo (MOSQUERA; STOBBAUS, 2006).

Por outro ângulo, a vida afetiva concede aos seres humanos pistas para saber o tipo de personalidade que a pessoa desenvolveu e a educação que herdou, em sua vivência (MOSQUERA; STOBBAUS, 2006).

1.2. AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Por muito tempo a educação da criança era interpretada como dever das famílias ou grupos sociais aos quais elas pertenciam. Era por intermédio do convívio com outras crianças e adultos, que a criança aprendia a tornar-se um membro daquele grupo, ao se

envolver com as tradições e ao compreender os conhecimentos que eram precisos para a sua sobrevivência e para enfrentar os desafios da vida adulta. Durante um longo período da história, percebe-se que não existiu nenhuma instituição responsável pela criança, a educação era incumbência apenas dos pais e comunidade da qual estes faziam parte. Atualmente, a educação infantil é planejada e realizada de uma maneira complementar a família (CRAIDY; KAERCHEK, 2001).

Hoje, a educação da criança abrange dois processos complementares e indissociáveis entre si: o cuidar e o educar. As crianças pequenas possuem necessidades de atenção, carinho e proteção. Na faixa etária de 0 a 5 anos, as crianças entram em contato com o mundo que as rodeia, por meio de interações diretas com os outros indivíduos e com o ambiente em que elas estão inseridas (CRAIDY; KAERCHEK, 2001).

Em se tratando do desenvolvimento da criança, é importante destacar a função da mediação neste processo, o qual é um componente primordial para a demarcação e crescimento do indivíduo como pessoa. Todas as relações com o meio social em que vive e com os integrantes da família podem oferecer modelos de aprendizagem para a criança (LEITE; COLOMBO, 2008).

Conforme a Psicologia Humanista interpretada por Rogers, o contato direto e contínuo do indivíduo com o seu ser emocional é o elo para o seu desenvolvimento. As ideias desse autor, inerentes ao campo da educação, possuíram a competência de conduzir para o ponto central da ação pedagógica a criança e seus sentimentos, fazendo deles o meio para se compreender o processo de aprendizagem (MAHONEY, 2003).

O sentimento sempre ocupará uma posição de destaque em todas as fases do desenvolvimento, independente da faixa etária do indivíduo. Ao se desenvolver psicologicamente, a criança vai se nutrindo dos sentimentos e afetos, vivenciados por ela em suas relações com outros sujeitos. Esses relacionamentos que irão elucidar as possibilidades da criança procurar no seu ambiente e nas opções que a cultura lhe possibilita, a realização de suas potencialidades, ou seja, a possibilidade de sempre estar se lançando na busca daquilo que ela pode vir a se tornar (MAHONEY, 2003).

Rogers admite então, que a descoberta das potencialidades é atingida pela criança a partir do momento em que ela possui acesso aos seus próprios sentimentos, provocando um contínuo diálogo consigo mesma. Possibilitar o alcance a esse acesso e conseqüentemente a esse diálogo é de responsabilidade de um adulto. Isso ocasionará a criança a adquirir confiança em si mesma, a cada vez mais escutar a voz de sua própria

experiência como o meio mais seguro para a tomada de suas decisões (MAHONEY, 2003).

A afetividade é essencial para a formação de sujeitos felizes, confiantes e preparados para o convívio com as pessoas e o mundo que os rodeia, já que ela é uma notável aliada nas intenções pedagógicas, responsável por elaborar laços importantes e indispensáveis para o ensino de educação infantil (AMORIM; NAVARRO, 2012).

As relações afetivas jamais podem ser desprezadas, pois fazem parte do desenvolvimento dos indivíduos, estão presentes na natureza humana e podem intervir de modo favorável nos processos cognitivos. (AMORIM; NAVARRO, 2012).

A cognição e o afeto são conceitos essenciais e inseparáveis, fundamentais a construção dos processos psicológicos superiores. Esses processos estão relacionados à conquista da aprendizagem de conceitos abstratos, momento onde a criança possui a capacidade de pensar afetivamente nos aspectos que se relacionam aos seus sentimentos, seus desejos e afetos conseguindo nomeá-los através da linguagem oral (VIEIRA; LOPES, 2010).

É comum, ainda hoje, vermos nas instituições escolares, o uso de uma compreensão teórica que faz com que os professores dividam o aluno em duas partes: a cognitiva e a afetiva. Essa divisão é um dos maiores costumes estabelecidos em grande parte das propostas educacionais atuais. Acreditar nisso, faz com que se considere o pensamento frio, calculista e sem sentimentos, apropriado para melhor desempenho das matérias escolares clássicas (VASCONCELOS, 2004).

Com a aquisição da linguagem é possível que se internalizem maneiras, culturalmente apresentadas de comportamento, onde sistemas simbólicos são formados do interior para o exterior da criança interpretando o mundo real (VIEIRA; LOPES, 2010).

A escola e a família por muitas vezes não dão devida importância a questões da afetividade na educação infantil. E é na educação infantil que a criança apresenta suas primeiras experiências de vida escolar e são essas mesmas experiências que farão as crianças sentirem gosto ou desgosto pela escola (VIERA; LOPES, 2010).

Vygotsky (1994) enfatiza a importância das interações sociais, traz os conceitos de internalização e mediação como características importantes para a aprendizagem, defende a ideia de que a construção do conhecimento acontece através de um forte processo de interação entre os indivíduos. O autor enfatiza a importância do outro não

somente no processo de construção do conhecimento, como também de constituição do próprio indivíduo e de suas maneiras de agir.

Segundo Amorim e Navarro (2012) o ambiente escolar será o primeiro agente socializador fora do convívio familiar da criança, e precisa proporcionar todas as condições básicas para que ela se sinta confiante e protegida. Educar e cuidar são atitudes de amor, de esforço, que necessitam de disponibilidade e dedicação.

Dessa forma, a fim de que a criança possua um progresso saudável e apropriado em sua vida intelectual, social e escolar é preciso que se consolide relações interpessoais benéficas entre família e escola, não ocorrendo essa união, dificilmente haverá resultados construtivos. É fundamental que haja um diálogo entre família e escola, a fim de que, aquilo que os pais ensinem em casa não seja divergente do que é proposto e ensinado pela escola (AMORIM; NAVARRO, 2012).

A educação infantil é uma das etapas mais complexas do desenvolvimento humano no que se refere às perspectivas de desenvolvimento intelectual, emocional, social e motor da criança, dessa maneira, a escola que oferece a educação infantil deve-se estruturar em um ambiente prazeroso, estimulante, seguro e afetivo. É imprescindível que haja profissionais qualificados para conduzir as crianças nesse processo de conhecimento e conquista, proporcionando um alicerce sólido para o seu desenvolvimento, formando crianças que saibam aperfeiçoar suas habilidades, de maneira a pensar, refletir e possuir autonomia, para que se tornem ativas no processo de construção do conhecimento (AMORIM; NAVARRO, 2012).

Pode-se enfatizar que na Educação Infantil todo tipo de aprendizagem está estreitamente relacionado à vida afetiva do indivíduo, com isso a escola não deve diminuir esta afetividade do aluno, ao contrário, ela tem o papel de fortificá-la e ampliá-la, favorecendo o surgimento de um ambiente sócio-afetivo benéfico para esses sujeitos, que estão em formação (AMORIM; NAVARRO, 2012);

Neste aspecto, as escolas de Educação Infantil possuem as funções de educar e cuidar, de modo que estejam comprometidas com o desenvolvimento integral da criança em diversos aspectos: intelectual, físico e afetivo; enxergando a criança como um indivíduo completo, que tem a capacidade de aprender e ter um bom convívio com seus demais e com o mundo que a rodeia, de modo ágil e gradativo (AMORIM; NAVARRO, 2012).

A afetividade é um dos elementos que promovem o êxito do processo de ensino e aprendizagem, por isso o tema afetividade na educação infantil, mostra-se de extrema

importância no ambiente educacional, porque a afetividade promove a habilidade de construir o conhecimento voltado para aprender e ser no mundo. (AMORIM; NAVARRO, 2012).

O sentido da aprendizagem é singular e único na vida de cada pessoa, já que o desenvolvimento da aprendizagem é um processo constante e a afetividade apresenta uma atribuição fundamental nesse processo de desenvolvimento do estudante, visto que a falta de uma educação, que não trabalhe os aspectos afetivos em sala de aula e no lar da criança, poderá provocar perdas enormes no desenvolvimento cognitivo desse aluno (AMORIM; NAVARRO, 2012).

Os discursos sobre o “professor afetivo” se relacionam com uma vasta rede discursiva histórica e cultural que colocam os educadores submetidos a um regime de verdade, em que ser afetivo é condição essencial para que se atinja o reconhecimento e a realização profissional. Esse regime considera o imperativo do afeto como sendo condição específica para o exercício profissional (CARVALHO, 2014).

Segundo Carvalho (2014), o afeto é interpretado como algo inerente ao professor, no entanto para a formação de vínculos afetivos com as crianças faz-se necessário uma prática construída dentro da cultura (através da escolarização, exercício profissional, formação docente, entre outros), e, dessa forma está sujeita a diversas significações pelos sujeitos (CARVALHO, 2014).

Isso significa que não se pode contestar a relevância do afeto nos processos de ensino e aprendizagem, mas somente se problematiza a naturalidade dos modos como as relações constituídas entre educadores e crianças na Educação Infantil, estão sendo enunciadas como características das “leis do coração” (CARVALHO, 2014).

De acordo com Abramowski, (apud CARVALHO, 2014) os afetos que as pessoas vivenciam não acontecem de maneira natural, não surgem do coração dos educadores. Os afetos, em todos os seus aspectos, não são naturais, instintivos, involuntários, eternos e muito menos definitivos. Contudo, pode-se inferir que eles são históricos e são construídos cotidianamente nas relações entre professor e aluno no contexto da sala de aula.

Desse modo, Abramowski destaca o conceito de “afetos docentes”, que nada mais é do que uma diversidade de sentimentos experimentados pelo educador em seu exercício profissional. Estão inclusos nessas experiências, tanto os sentimentos de amor, afeição, paciência, dedicação, quanto os de exaustão, angústia, ansiedade e raiva. Os afetos docentes não se resumem apenas a sentimentos de amor, os afetos também

incluem sentimentos que, por muitos, são considerados politicamente errôneos (CARVALHO,2014).

Nesse aspecto, ser um professor que efetua a mediação da aprendizagem dos educandos através da construção de vínculos afetivos, é muitas vezes visto (no meio educacional) como o único parâmetro de qualidade do exercício profissional. Sentimentos de irritação, impaciência, frustração, entre outros; são vistos como falta de capacidade profissional e emocional do educador, que deve buscar sozinho a saída para os seus problemas. Pode-se muitas vezes perceber uma regulação acentuada do discurso dos professores, em relação ao sentimento que possuem por seus alunos e profissão, uma vez que eles se encontram na esfera do discurso afetivo (CARVALHO, 2014).

O professor é um ser humano como outro qualquer, e, com isso, encontra-se vulnerável a todos os tipos de sentimento. Ele aprende a controlar o nascer de seus próprios sentimentos e estados de humores, por meio de vasto processo de disciplinamento e auto regulação, que tem origem na família e se expande pela escolarização. Essa auto regulação é muito importante para que ele consiga lidar diariamente com as crianças, uma vez que, o trabalho no âmbito da Educação Infantil não é somente pedagógico, mas também é relacional (CARVALHO, 2014).

CAPÍTULO II

2.1 A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

O professor deve ser um agente facilitador na relação ensino/aprendizagem juntamente ao aluno, em todo o contexto no qual ele se encontra, e estar sempre na busca da formação continuada perante as transformações que acontecem no mundo globalizado de hoje (BELOTTI; FARIA, 2010).

Há pouco tempo, porém, ainda presente em muitas instituições de ensino atuais, o ensino e a aprendizagem eram tidos como ações diferentes de mundos distanciados, sendo um dominante e o outro dominado; era algo que representava uma prática pedagógica tradicional opressora e autoritária. Tinha como centro o papel do professor que ensinava, sem possibilitar espaço para que os alunos pudessem demonstrar interesse, dúvidas e questionamentos (BELOTTI; FARIA, 2010).

A escola contemporânea é uma novidade cultural e social. Nessa nova instituição, o desempenho do educador não deve ser pensado como uma simples questão de formação teórica de uma pessoa que ensina, assim como a desenvoltura do educando não deve ser considerada apenas como uma questão de motivação e empenhos individuais.

Todo educador mostra-se como uma referência para a formação dos alunos, é de fundamental importância o modo como se relaciona com eles. A maneira do contato entre eles é essencial para que se sintam capazes e inteligentes (BELOTTI; FARIA, 2010).

O professor deve criar situações em que propicie a aquisição de conhecimento e das habilidades em seus alunos. Ele deve criar situações em que o educando possa testar suas habilidades motora, física, verbal e mental, para que desta maneira, o aluno se destaque em qualquer situação apresentada (BELOTTI; FARIA, 2010).

Os professores que se dedicam para levarem seus alunos à ação, aos questionamentos e a descoberta, acabam sendo obrigados a isso, a exercer exatamente a função que lhes é cabida. Dessa maneira, os professores com pouco preparo, obrigam-se a respeitar o desenvolvimento do aluno por meio de suas experiências de vida, idade e desenvolvimento intelectual (BELOTTI; FARIA, 2010).

Compreende-se que educar com alegria é um fator relevante no processo de aprendizagem dos alunos. Contudo, muitos educadores alegam sentirem dificuldades

para interagir com o estudante. O que acontece é a falta de diálogo entre professor e aluno (BELOTTI; FARIA, 2010).

Pode-se considerar que o diálogo é essencial em todo tipo de relação. No caso do ensino e da aprendizagem é primordial que o professor se direcione para o aluno, de modo que o veja como um ser que já possui muitos conhecimentos, porém na sua história de vida (BELOTTI; FARIA, 2010).

Entender o mundo individual do estudante dará ao educador elementos para o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula, já que esse mundo poderá intervir na maneira como os estudantes construirão os conteúdos escolares (BELOTTI; FARIA, 2010).

A comunicação entre educador e educando torna-se essencial na intervenção dos conhecimentos, já que essa proposta não tem como base comandos e repetições mecânicas. O educador deve interagir na mediação dos conhecimentos, não se delimitando a uma troca de ideias, visto que as relações sociais acometem o processo de ensino-aprendizagem (BELOTTI; FARIA, 2010).

Se de certo modo é essencial essa relação de empatia e confiança entre educador e educandos para um bom ensino-aprendizagem, por outro lado, os educadores não devem deixar que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de suas obrigações como professores (BELOTTI; FARIA, 2010).

É importante destacar que não se deve pensar que o aluno, por ser o centro do processo, deva ser deixado livremente para fazer o que bem quiser, sendo o professor enquadrado na posição de mero observador e não de mediador da aprendizagem. (BELOTTI; FARIA, 2010).

O segredo de um bom ensino é o entusiasmo próprio de cada professor, que origina do seu amor à educação e aos alunos. Esse entusiasmo deve ser canalizado através de planejamento e metodologias coerentes, sobretudo para a estimulação do entusiasmo dos alunos pela realização, por iniciativa própria, dos esforços morais e intelectuais exigidos pela aprendizagem (SANTOS, 2001).

As escolas necessitam de formar seu corpo docente com profissionais que possuam uma verdadeira vocação para ensinar, e dar-lhes incentivo para que o façam com tranquilidade e liberdade. A fim de que se obtenham bons resultados, o processo de ensino deveria incrementar, facilitar e respeitar o processo de aprendizagem (SANTOS, 2001).

É a interação entre professor e aluno que irá nortear o processo educativo, apesar de ser limitada por um tempo determinado, um conteúdo, normas e pela própria infraestrutura da instituição de ensino. De acordo com a maneira que essa relação se desenvolve, a aprendizagem do estudante pode ser relativamente facilitada e conduzida a um outro rumo (SANTOS, 2001).

Embora sejam bastante complexas, as relações humanas são elementos essenciais na realização de modificações em âmbito comportamental e educacional. Isso quer dizer, que o educador não deve apenas se preocupar com a transmissão de conhecimentos através de informações, mas também precisa se preocupar com o processo de construção da cidadania do estudante por meio do relacionamento entre os aprendizes (SILVA; NAVARRO, 2012).

Desse modo, o aprender torna-se algo mais atraente quando o aluno se sente capaz, através das ações e métodos motivadores adotados pelo professor em sala de aula (SILVA; NAVARRO, 2012).

A relação professor/aluno é uma condição básica para que haja a mudança no processo de aprendizagem, já que é esta relação que dá um rumo ao processo educativo. Mesmo que esteja diretamente relacionada com as regras e normas da instituição de ensino, a relação do professor com o estudante constitui o centro do processo educativo. Nesse sentido, o aspecto da transformação de conhecimento integra a relação pessoal entre educador e educando, para isso, as normas disciplinares determinadas pelo sistema tradicional devem ser modificadas. Essa relação precisa estar guiada na afetividade, segurança e respeito, sendo do professor o papel de orientar o aluno para o crescimento interno (SILVA; NAVARRO, 2012).

O aluno, na qualidade de indivíduo, constrói o seu próprio conhecimento, assim como sua realidade social por meio das interações sociais. Essa perspectiva de aprendizagem enfatiza a elaboração do significado e do conhecimento como um processo social em que os integrantes, através do diálogo, produzem um conhecimento (SILVA; NAVARRO, 2012).

É comum entre os professores o pensamento de que a indisciplina e o desentusiasmo se destacam como um dos grandes empecilhos que afetam direta ou indiretamente o processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, compete ao educador construir um ambiente de confiança, afinidade e respeito entre este e os alunos, a fim de que as aulas se tornem mais atraentes e interessantes. Para isso, a elaboração e renovação da prática pedagógica é um dos procedimentos mais eficientes para o

aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem, considera-se ser necessário ter como finalidade a garantia de um ensino de qualidade a todas as pessoas, isso requer uma reorganização dos projetos e planos de ensino. Primeiramente, o educador deve ter o objetivo de buscar inovações, dar aulas inovadoras e diferentes e também elaborar projetos que abranjam toda a equipe escolar, o educador sempre deve estar em constante preparação (SILVA; NAVARRO, 2012).

De acordo com as autoras Cabral, Carvalho e Ramos (2004), existem experiências positivas e experiências negativas associadas ao sentimento do aluno em relação ao professor.

As experiências positivas ocorrem: quando a aula é boa, quando o aluno aprende muito com a ajuda do professor; a cada vez que o educador além de ensinar a disciplina brinca com os alunos e conta piadas; quando o professor se mostra apreensivo em relação aos problemas dos alunos; a cada vez que o educador esclarece dúvidas e quando o professor se apresenta paciente e dedicado (CABRAL; CARVALHO; RAMOS, 2004).

Já as experiências negativas acontecem: quando há agressividade entre professor e aluno; no momento em que o educador expulsa o aluno de sala; quando as aulas são entediantes; quando há incompreensão por parte do professor; a cada vez que o aluno não consegue compreender a matéria e quando ocorrem desentendimentos entre educador e educando (CABRAL; CARVALHO; RAMOS, 2004).

Na contramão desse ponto de vista apresentado pelos alunos; os professores também relatam experiências positivas e negativas associadas ao relacionamento destes com seus alunos (CABRAL; CARVALHO; RAMOS, 2004).

As experiências positivas ocorrem: quando o professor reconhece a alegria no semblante dos seus alunos ao se encontrarem fora da instituição escolar; a cada vez que surge o interesse e a participação dos educandos nos exercícios propostos e quando existe a parceria e o respeito entre ambos (CABRAL; CARVALHO; RAMOS, 2004).

Já as experiências negativas aparecem: quando os alunos perturbam a aula; no momento em que ocorrem discussões com os alunos, causadas pela indisciplina e quando acontece a recusa do educando em desenvolver as atividades planejadas pelo educador (CABRAL; CARVALHO; RAMOS, 2004).

Um momento importante da relação professor e aluno é o primeiro dia de aula. As primeiras impressões que o professor tem da turma e que a turma tem do professor, são importantes e se traduzem em uma maneira de comunicar que essa relação pode ser

bastante condicionante, para o bem ou mal. Os receios, as expectativas, o ânimo da turma dependem em boa parte das primeiras aulas (VALLEJO,1999).

Isso é notado em sala de aula, bem como nas relações pessoais de um modo geral. (VALLEJO, 1999).

De acordo com Vallejo (p.12,1999):

Talvez não levemos em conta em nossa relação com os alunos aquilo que temos claro em outras relações. São situações, as quais, às vezes, não dedicamos suficiente reflexão. Inconscientemente pode estar presente a crença implícita de que nos arriscamos mais quando falamos com nosso chefe ou temos de decidir algo importante a respeito de uma pessoa que nos importa pessoalmente do que quando tratamos com nossos alunos. Contudo, a verdade é que também nos arriscamos muito em nossa relação com os alunos.

As relações afetivas que o estudante estabelece com seu professor e seus colegas são de extrema importância na educação, pois a afetividade compõe a base de todas as reações do indivíduo perante a vida (VASCONCELOS; SILVA; MARTINS; SOARES, 2005).

Tendo o conhecimento de que as dificuldades afetivas podem causar adaptações escolares e sociais, além de perturbações no comportamento, o cuidado com a educação afetiva precisa estar relacionado com a educação intelectual (VASCONCELOS; SILVA; MARTINS; SOARES, 2005).

2.2 A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O profissional que trabalha na educação infantil deve ser alguém sensível e que possua o dom natural de educar. As crianças menores possuem uma maior necessidade de atenção, e por isso o educador deve estar totalmente preparado para educar com carinho e comprometimento.

O educador infantil deve ter consciência de sua importância na vida do aluno, já que, juntamente com a família, os educadores são responsáveis por incentivar o crescimento e desenvolvimento integral dos alunos. Para trabalhar com crianças na educação infantil, o professor necessita ser sensível, estar preparado para se deparar com momentos que requeiram paciência e compreensão, possuindo habilidades para solucionar imprevistos que requerem flexibilidade e criatividade, como também, deve utilizar o conhecimento e a sociabilidade relacionados aos aspectos afetivos (AMORIM; NAVARRO, 2012).

O professor da educação infantil precisa ser também um pesquisador. Os educadores necessitam ter uma constante atitude questionadora, devem ser sensíveis, perspicazes e disponíveis (NUNES, 2009).

Para falar sobre um professor questionador é importante enfatizar a sua criticidade, também com relação a sua prática docente. É, também, destacar a importância dele continuar seus estudos e sempre manter-se atualizado, e buscar o conhecimento do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança (NUNES,2009).

Analisando-se atuais pesquisas relacionadas à Educação Infantil, surgem necessidades de considerar questões básicas como: o que é a infância? O que é ser criança? Quais são as características dessa fase do desenvolvimento humano?(NUNES,2009).

A compreensão desses significados pelo educador, o faz perceber a diversidade e peculiaridades dos alunos de sua própria sala de aula, inserindo características relacionadas ao brincar, educar e cuidar. O brincar é algo essencial para a criança e para o seu desenvolvimento. Através dele, a criança pode desenvolver varias habilidades: física, cognitiva e afetiva (NUNES,2009).

O professor tem que voltar a sua atenção ao vínculo que estabelece com seus alunos, já que isso é fundamental para a formação de um ambiente de respeito, confiança e segurança. Propiciar um ambiente de respeito e segurança é considerar a expressão dos sentimentos dos estudantes, que ocorre através de suas distintas formas de representações (NUNES, 2009).

A integração da criança na escola de Educação Infantil representa uma das oportunidades dela expandir seus conhecimentos. Na escola, o trabalho envolve uma grande rede de interações sociais, que engloba uma variedade de relações e atitudes, modos alternativos de se comunicar com outras pessoas, além de valores culturais e morais que são repassados as crianças. Nessa etapa da vida, a criança vivencia aprendizagens que passam a fazer parte do seu mundo (NUNES, 2009).

No ambiente de sala de aula infantil, a escuta do educador acontece através da observação de palavras, desenhos e da linguagem corporal (motricidade expressiva), o que permite perceber intenções subjetivas da criança (NUNES,2009).

Entender a escuta sensível como uma prática do educador é, obrigatoriamente, incluir a sensibilidade no contexto da educação.

De acordo com Nunes (2009):

A atitude de escuta sensível por parte do professor é um elo importante que pode e deve ser usado na conquista afetiva de seus alunos. É, ainda estratégia adequada para ser vivenciada em uma escola, em geral. No contexto de um programa de educação infantil de qualidade, esta escuta pode ser considerada como uma resposta, ou melhor, como ,uma prática pedagógica centrada na criança para facilitar a compreensão da complexidade do seu mundo.

É na relação professor-aluno que necessita estar presente a escuta sensível. A escuta sensível do educador se torna um aspecto da qualidade na educação infantil, por se tratar de uma facilitadora para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Uma prática pedagógica que tem como base o relacionamento é formada por indivíduos independentes, que possuem habilidades e afinidades distintas. Toda prática pedagógica deve estar pautada em princípios de liberdade, autonomia, valores e outros. Através das relações com o professor e com os colegas, as crianças aprendem a se comunicar e ter experiências concretas (NUNES, 2009).

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

3.1 MÉTODO

Esta monografia apresentou o resultado de uma pesquisa qualitativa feita com quatro professoras da educação infantil de uma instituição particular, situada em Brasília, na busca da compreensão dos significados das entrevistadas em relação ao tema: afetividade na relação professor/aluno na educação infantil.

Utiliza-se de uma pesquisa qualitativa devido à possibilidade de abrangência do conhecimento delineado por ela.

Na pesquisa qualitativa pode-se compreender o caráter próprio da fala de cada participante, compreender a sua estrutura social e seu discurso associado com o momento cultural e histórico vivenciado pelo indivíduo entrevistado. Trata-se de uma fala singular (REY, 2002).

Na entrevista qualitativa é concedida ao pesquisador a possibilidade de tornar evidente o conhecimento que era implícito, até então, somente ao sujeito entrevistado. É possível relacionar pontos de vista, ideias ou suposições de maneira organizada, possibilitando a comparação, uma relação ou não junto às teorias já organizadas (FLICK, 2009).

3.2 INSTRUMENTOS

O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário com questões de dados gerais; e cinco perguntas abertas, elaboradas com o objetivo de compreender as ideias das entrevistadas a respeito da importância da afetividade no contexto da Educação Infantil. (A íntegra do questionário encontra-se no Apêndice A.)

3.3 PROCEDIMENTOS

Primeiramente a entrevistadora conversou com as professoras da escola a respeito da participação das entrevistadas em responder um questionário sobre afetividade na Educação Infantil. As professoras aceitaram e logo forneceram seus e-

mails eletrônicos para que o questionário fosse enviado e respondido virtualmente. Logo, os oito questionários foram enviados para todas as participantes e a entrevistadora se dispôs a responder qualquer dúvida que viesse a surgir.

Dos oito questionários enviados, quatro foram respondidos e enviados para a pesquisadora em cerca de duas semanas, após cobranças por parte da pesquisadora.

Logo após o recebimento dos questionários, a pesquisadora enviou mensagem de agradecimento a todas as participantes da pesquisa.

Todas as participantes preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido, que também foi enviado por correio eletrônico.

O processo de obtenção das informações foi demorado e pode-se perceber que é difícil fazer pesquisa, porém, não desisti.

3.4 PARTICIPANTES

As participantes foram quatro professoras que trabalham em uma escola particular da educação infantil que aceitaram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido sobre sua participação na pesquisa.

A professora Claudia¹ tem 23 anos de idade, mora em Santa Maria, é solteira, trabalha em uma escola particular e reside com seus pais. Sua renda familiar, composta por ela e seus pais, é em torno de 7.000 reais.

A professora Antônia tem 29 anos de idade, mora no Guará, é solteira, trabalha em uma escola particular e reside com seus pais e irmãos. Sua renda familiar, composta por ela e seus pais, é em torno de 10.200 reais.

A professora Maria tem 24 anos de idade, mora no Riacho Fundo, é solteira, trabalha em uma escola particular e reside com seus pais e irmãos. Sua renda familiar, composta por ela e seus pais, é em torno de 10 mil reais.

A professora Joana tem 22 anos de idade, mora em Sobradinho, é solteira, leciona em uma escola particular e reside com sua mãe e irmão. Sua renda familiar, composta por ela, seu irmão e sua mãe, é em torno de 12.000 reais.

¹ Os nomes das participantes são fictícios.

CAPÍTULO IV- ANÁLISE DE DADOS

Os resultados serão apresentados de acordo com as respostas das participantes ao questionário, seguindo a ordem das questões. Serão apresentados por meio de Quadros e foram elencadas as Categorias e as Classes para uma melhor compreensão e análise das informações dos questionários, fazendo-se uma adaptação da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977).

Quadro 1: Categoria 1- Compreensão da afetividade

➤ Respostas	Número de ocorrências ²
<ul style="list-style-type: none"> • CLASSE 	
<ul style="list-style-type: none"> • SENTIMENTOS <ul style="list-style-type: none"> ➤ Laços sentimentais. ➤ Carinho, cuidado, confiança. ➤ Mostrar sentimentos. ➤ Manifestação de sentimentos. 	6

Observa-se no Quadro 1 que para este grupo de entrevistadas, a afetividade é entendida como manifestações de sentimentos.

Segundo Wallon, a afetividade é discutida em seus vários componentes, que são: emoções e sentimentos. Os sentimentos e as emoções podem variar de intensidade, porém estão presentes no decorrer de toda a vida das pessoas, interferindo de alguma forma nas atividades de cada um (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

A escola é um meio essencial para que ocorra o desenvolvimento do educador e do educando, ao conceder possibilidades de participação em grupos distintos. Nesse meio, professor e aluno são afetados um pelo outro, ao mesmo tempo em que são

² O número de ocorrências não corresponde necessariamente à quantidade de entrevistadas, pois cada participante pode oferecer mais de uma resposta.

afetados pelo contexto em que estão inseridos. A não satisfação das necessidades afetivas acomete a ambos, e isso prejudica diretamente o processo de ensino e aprendizagem (WALLON, apud MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Quando se trata de afetividade é importante mencionar o sentimento, que corresponde a “expressão representacional da afetividade”. O sentimento é algo construído e não momentâneo, como se caracteriza a emoção (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Assim, podemos notar que muitas vezes os significados das palavras “sentimento” e “afetividade”, estão relacionados entre si. Isso pode ser notado na fala de algumas das entrevistadas, quando questionadas sobre o que é a afetividade.

No relato de duas das professoras sobre o que é afetividade, obtêm-se as respostas: “É um conjunto de manifestações de diferentes sentimentos” e “afetividade é uma forma de mostrar seus sentimentos frente a uma determinada pessoa, situação. Seja ela boa ou ruim”. Ambas as repostas, envolvem o conceito de afetividade relacionado com os sentimentos.

Quadro 2: Categoria 2 – Importância da afetividade entre professor/aluno

<ul style="list-style-type: none"> ➤ Respostas • CLASSE 	Número de ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • RELAÇÃO AFETO x APRENDIZAGEM <ul style="list-style-type: none"> ➤ Na medida em que o professor conhece e compreende seu aluno, pode melhor auxiliá-lo no processo de aprendizagem. ➤ O processo ensino-aprendizagem funciona melhor quando o aluno tem no professor respeito, admiração e confiança. ➤ Aprendizagem se torna mais efetiva quando o aluno confia no professor. ➤ Laços afetivos entre professor e aluno. 	4
<ul style="list-style-type: none"> • RELAÇÕES PESSOAIS <ul style="list-style-type: none"> ➤ Segurança, respeito, admiração e confiança. ➤ Vínculo de confiança. ➤ Através da confiança surgem manifestações sentimentais. 	3

Grande parte das características (4) apontadas no quadro 2, mostram que a relação de confiança que o professor estabelece com o seu aluno influencia diretamente na aprendizagem dos alunos.

De acordo com os autores Paula e Faria (2010), a preparação da criança para a entrada na escola passa pelo desenvolvimento de competências emocionais – inteligência emocional – designadamente confiança, intencionalidade, curiosidade, capacidades de comunicação e de relacionamento. Sem o auxílio e o exemplo do educador esta pode se tornar uma tarefa difícil, pois a criança se espelha no exemplo e este exemplo, na escola, é a figura do professor.

A afetividade somente é estimulada através da vivência, na qual o professor estabelece um vínculo de afeto com o aluno. A criança necessita de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem (PAULA; FARIA, 2010).

Nos relatos de duas das participantes sobre a importância de se estabelecer um vínculo afetivo entre professor e aluno, obtêm-se as respostas: “É preciso que o aluno tenha no professor segurança, respeito, admiração e confiança, pois assim é mais fácil fazer com que o processo ensino-aprendizagem funcione melhor” e “Para que a aprendizagem ocorra de forma efetiva, para mim, é necessário que o aluno confie no professor”. Nestas repostas, pode-se notar que o sucesso da aprendizagem do educando também ocorre através da relação de confiança e afeto que o professor deve estabelecer com seu aluno.

A outra classe (3) de respostas, nos mostra o quanto que a afetividade propicia manifestações de sentimentos importantes nas relações interpessoais.

De acordo com Andrade (2006), a afetividade é necessária na formação de pessoas alegres, éticas, seguras e capazes de interagir com o mundo que as rodeia. No ambiente escolar, a afetividade é além de dar carinho, é saber ouvir, valorizar e acreditar no aluno.

Quadro 3: Categoria 3 - Relação afetividade e aprendizagem na educação infantil

<ul style="list-style-type: none"> ➤ Respostas • CLASSE 	Nº de Ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • SENTIMENTO QUE ASSEGURA AVANÇAR NA VIDA ESCOLAR <ul style="list-style-type: none"> ➤ Necessidade de afeto, confiança para não criar bloqueios de aprendizagem. ➤ Sentimentos que possibilitam a segurança do aluno para evoluir na escola. ➤ Ensino infantil, as crianças têm maior necessidade de afeto e confiança. ➤ Educação infantil é a porta da vida escolar. ➤ Afetividade na educação infantil é importante. ➤ A criança ao se desenvolver precisa do suporte afetivo. ➤ Educação infantil é o primeiro contato da criança com a escola. ➤ Afetividade proporciona um sentimento de acolhida. 	8

Nas ocorrências (8), do quadro 3, percebe-se a importância da afetividade na educação infantil, para propiciar ao aluno uma boa aprendizagem no decorrer de sua trajetória escolar.

Nas séries iniciais, o bom professor é identificado pela afetividade. A atitude carinhosa, acolhedora, do docente, é vista como essencial para que o aluno se sinta seguro e capaz de aprender (SILVA, 2012).

É na educação infantil que a criança adquire suas primeiras experiências na vida escolar e são essas experiências que levam os alunos a sentirem gosto ou desgosto pela escola (AMORIM; NAVARRO, 2012).

A educação infantil pode refletir de forma positiva no desenvolvimento da criança visando à qualidade de interações que serão representadas de maneira positiva para o resto da vida do indivíduo, por meio da escola, família e sociedade, que irá visar o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos: físico, social, cognitivo e afetivo (AMORIM; NAVARRO, 2012).

De acordo com Amorim, Navarro (2012):

O afeto do professor e a sua sensibilidade irão influenciar na maneira de agir de seus alunos, pois quando a criança nota que o professor gosta dela, e que esse educador apresenta certas qualidades como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitudes democráticas, a aprendizagem torna-se mais facilitada.

Nota-se essa ênfase na importância da relação entre afetividade e aprendizagem na resposta dessa participante: ” No ensino infantil é onde as crianças têm maior necessidade de afeto e confiança. Caso não haja esses elementos, as crianças podem criar bloqueios, dificultando assim a internalização das informações que lhe são passadas”.

Quadro 4: Categoria 4 - Influência do afeto na escolarização do professor

<ul style="list-style-type: none"> ➤ Respostas • CLASSE 	Número de ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • COMPORTAMENTO AFETIVO ➤ Carinho e atenção. ➤ Carinho. ➤ Atenção e preocupação. ➤ Boa relação com a turma. ➤ Abraços e palavras de carinhos. ➤ Meu professor fazia cafuné e massagem. 	6
<ul style="list-style-type: none"> • AUSÊNCIA DE AFETIVIDADE ➤ Professora amargurada e estressada. ➤ Mal exemplo de profissional 	2
<ul style="list-style-type: none"> • INFLUÊNCIAS TRANSMITIDAS AOS ALUNOS ➤ Hábito de leitura. 	1

A maior parte (6) das características apontadas no quadro 4 nos mostra o quanto que comportamentos de carinho, atenção e preocupação são lembrados de maneira positiva no próprio processo de escolarização das participantes.

De acordo com a pesquisa de Silva (2012), o “bom professor” é aquele que se preocupa em fazer com que o aluno aprenda os conteúdos. Para isso, posturas como atenção e paciência são constantemente indicadas como essenciais ao trabalho do “bom professor”. Os alunos reconhecem a importância de um professor que sempre está disposto a ensinar, sem humilhar aqueles alunos que possuem dificuldade em aprender.

Tais constatações são vistas na fala de uma das participantes quando ela diz: “Até hoje, lembro-me da forma carinhosa e atenciosa que fui tratada por minhas primeiras professoras”.

Outra parte das respostas (1) demonstra o quanto que a falta de afetividade do professor pode deixar marcas na vida do aluno.

De acordo com Ribeiro, Jutras e Louis (2005), existem consequências tanto positivas quanto negativas da afetividade sobre a relação educativa. Do ponto de vista positivo, os alunos se tornam mais calmos e tranquilos e participam de modo mais efetivo nas aulas. Consequentemente, os objetivos educativos são atingidos, desse modo, os alunos realizam aprendizagens significativas. Em contrapartida, na ausência de afetividade na relação educativa, os alunos baixam a autoestima e o interesse pelos estudos e podem manifestar dificuldades em se relacionar com os próprios colegas. Desse modo, o risco de fracasso escolar aumenta.

Pode-se notar estas consequências da falta de afetividade na resposta de uma das participantes: “... ao mesmo tempo a falta de afeto me prejudicou muito. Tive uma professora de artes que era amargurada e estressada. Ela para mim é um péssimo exemplo de profissional”.

A última classe (1) refere-se às boas influências que um professor afetivo pode exercer em seus alunos, através de seus comportamentos ou hábitos.

Segundo Vallejo (1999), o professor pode ensinar mais com seu jeito de ser, do que com aquilo que pretende ensinar; sua maneira de fazer as coisas implica mensagens implícitas de efeitos que podem ser negativos ou positivos; se aceitam ou rejeitam seus valores e atitudes, acentua-se o interesse ou o desinteresse pelo aprendido (pode-se aprender a não gostar da matéria).

Uma influência específica surge da relação do professor com os alunos (disponibilidade, paciência, boa preparação das aulas, etc.) Além do mais, a metodologia utilizada em sala de aula, os exercícios e as práticas, podem influenciar não só no aprendizado dos conteúdos ou nas habilidades dos alunos, mas também em suas atitudes em relação com a matéria, ao estudo e ao trabalho (VALLEJO, p.25, 1999).

O tempo pode passar e as necessidades podem aparecer, porém as sementes de um educador que marcam a vida de seu aluno nunca serão apagadas (AMORIM; NAVARRO, 2012).

Tais constatações podem ser notadas na resposta de uma das entrevistadas: “Até hoje lembro de duas marcantes professoras que tive na infância, a forma delas se relacionar comigo e com os outros alunos me marcaram, pois lembro claramente de atividades e brincadeiras que fizemos quando eu ainda tinha seis anos de idade. Já aos 13 anos, tive uma professora de literatura maravilhosa, e pelo relacionamento que tinha

com ela, e por ver a paixão que ela tinha pela leitura, também comecei a amar a ler, e vejo que sem esse exemplo, talvez não gostasse da leitura como gosto atualmente”.

Quadro 5: Categoria 5 – Importância da relação professor/família

<ul style="list-style-type: none"> ➤ Respostas • CLASSE 	Número de ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • APRENDIZAGEM <ul style="list-style-type: none"> ➤ Desenvolvimento do aluno como um todo. ➤ Não ocorre apenas no espaço escolar. 	2
<ul style="list-style-type: none"> • DIÁLOGO ENTRE FAMÍLIA x PROFESSOR <ul style="list-style-type: none"> ➤ É importante para a comunicação de problemas na vida escolar. ➤ Troca de informações sobre o aluno. 	2
RELAÇÕES PESSOAIS <ul style="list-style-type: none"> ➤ Confiança no trabalho do professor. ➤ Confiança mútua entre professor/família. 	2

A primeira das ocorrências (2) no quadro 3, nos permite perceber a relação entre professor/família e a aprendizagem dos alunos.

Um dos papéis principais da família é a socialização da criança, ou seja, sua inclusão no mundo cultural através do ensino da língua materna, das regras de convivência em sociedade e dos símbolos, abrangendo a educação geral e parte da educação formal, em parceria com a escola (POLONIA; DESSEN, 2005).

O professor também possui sua parcela de colaboração no desenvolvimento do sujeito, mais especificamente na aquisição do saber culturalmente organizado e em suas diversas áreas de conhecimento (POLONIA; DESSEN, 2005).

Quando a família e o educador mantêm uma boa relação, as condições para um maior aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser potencializadas (POLONIA; DESSEN, 2005).

Pode-se notar essa importância da boa relação entre professor/família de um modo a favorecer a aprendizagem do aluno, nas repostas de duas das entrevistadas: “É importante estabelecer esse tipo de vínculo com a família para o desenvolvimento do aluno como um todo...” e “Acho importante o convívio com a família, uma vez que a aprendizagem não se dá apenas no contexto escolar”.

A outra ocorrência (2) nos mostra a importância da interação entre professor/família, para que haja um diálogo entre eles, e assim, ambos possam compartilhar informações sobre a vida do aluno.

Segundo Reis (2008), a participação dos pais na educação dos filhos precisa ser contínua e consciente. Vida familiar e vida escolar são complementares e simultâneas. É fundamental que professores, pais e alunos, compartilhem experiências e explorem as questões particulares do seu dia a dia.

Conforme pode-se verificar na fala de uma das entrevistadas: “É importante estabelecer um vínculo com a família para comunicar algum problema na vida escolar. É muito importante!”.

Na última ocorrência (2) desse quadro, nos permite perceber que uma boa relação entre professor/ família gera o sentimento de confiabilidade mútua entre ambos, pois um complementa o outro.

Das relações que se constroem entre família e escola vem à confiança no trabalho educativo iniciado por uma e continuada pela outra. Enquanto a responsabilidade da família pelo filho ocorre durante a vida inteira, a responsabilidade do professor para com o aluno é acadêmica e passageira, porém com forte influência sobre os anos subsequentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar essa pesquisa, conclui-se que a afetividade é importante em todo tipo de relação, seja ela entre professor e aluno, aluno e aluno, pais e filhos.

As professoras possuem a ciência de que o aspecto afetivo é fundamental para ser trabalhado dentro do ambiente escolar, conforme descrito na fundamentação teórica. Vê-se claramente, que todas acreditam no poder da afetividade para o sucesso da aprendizagem. Relatos confirmam que a afetividade ajuda as crianças a estabelecerem uma relação de confiança.

As reflexões desenvolvidas no trabalho enfatizam que na relação professor e aluno, a afetividade contribui para instigar os alunos a terem senso crítico, autoestima, a fim de que possam ter uma parceria respeitosa, estabelecendo tolerância e limites mutuamente.

No período da infância, quando a criança começa a frequentar a escola, é um processo muito difícil para a grande maioria delas. É o momento em que ela sai da zona de conforto de seu lar, para adentrar em um ambiente totalmente desconhecido com pessoas estranhas. É uma mudança radical na vida da criança. Se aliada a afetividade, essa se torna uma fase mais tranquila e menos traumática.

A partir do momento que criança está inserida no contexto escolar, tem início a parte fundamental da escola, que é a aprendizagem. E não somente a aprendizagem motora, mas com certeza a aprendizagem emocional, que é fundamental, principalmente na educação infantil, onde a criança começa a entender que tem de dividir e respeitar o espaço do outro, além de tantas outras variáveis que terá de aprender. A escola é um grande aliado nesse aprendizado. Quando se tem uma afinidade com o ambiente, a criança aceita a mudança mais facilmente. Ela passa a não contestar tanto, quando se tem uma relação de afeto pré-estabelecida. Via de regra, a escola auxilia e se torna fundamental para o bom desenvolvimento, tanto para o aluno, quanto para professores e pais.

Por último, houve contribuição à minha formação pessoal que se relaciona com a revisão dos conceitos apreendidos e aos meus conceitos. O trabalho possibilitou questionar minha concepção das relações interpessoais, além de compreender que a afetividade agrega estímulos. Quanto melhor a relação de afeto entre o professor e seus alunos, maior a chance do processo de aprendizagem ocorrer de forma segura.

PARTE 3

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

A conclusão da monografia é algo muito importante na vida de um estudante. O fim da vida de universitária se aproxima e com isso novas responsabilidades irão surgir. Para mim, o curso de Pedagogia foi maravilhoso, hoje sei que não poderia ter feito uma escolha melhor. Não me imagino exercendo outra profissão que não esteja relacionada à área de educação.

Atualmente faço estágio em um colégio particular, em uma classe de pré-alfabetização. Pretendo inicialmente continuar nessa instituição e assumir o cargo de professora. Posteriormente, minha intenção é fazer um concurso da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e trabalhar em uma escola pública. Acredito que devemos sempre estar à procura de novos conhecimentos e isso é algo enriquecedor para qualquer profissão. Sendo assim, pretendo continuar os momentos de formação e aperfeiçoamentos da minha prática e nunca cessar a busca de novas informações e conhecimentos que acrescentem no meu trabalho cotidiano.

Acho muito gratificante acompanhar o desenvolvimento dos alunos a cada dia que passa. Tem criança que chega ao início do ano sem saber reconhecer algumas letras do alfabeto e ao fim do ano ela está praticamente alfabetizada, isso é muito emocionante! Sinto-me realizada ao perceber que de alguma maneira eu fiz parte desse processo e que juntos conseguimos alcançar essa vitória.

Sei que nem tudo é perfeito e acredito que eu, como futura educadora, devo estar preparada para vitórias e fracassos. Os desafios de minha profissão são muitos, desde fatores econômicos à péssimas condições de trabalho. Será difícil essa caminhada, mas o amor e carinho que sinto pela minha profissão me fará não desistir e lutar por uma educação de qualidade no nosso país.

Apesar de amar trabalhar em sala de aula, em um futuro, pretendo fazer uma pós-graduação em orientação educacional e com isso trabalhar nesta área. Admiro muito o trabalho dos orientadores, acredito que o trabalho bem realizado de um bom orientador educacional faz a diferença em uma escola.

Hoje estou feliz com as minhas escolhas e pretendo vivenciar e desfrutar cada momento que há de vir.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Márcia Camila Souza de; NAVARRO, Elaine Cristina. **Afetividade na Educação Infantil**. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar nº 7. p. 1-7, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELOTTI, Sallua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves. **Relação Professor/Aluno**. Revista Eletrônica Saberes da Educação. Vol.1, nº1, 2010

BISCARRA, Bibiana Ozorio. **Afetividade na Educação**. 2012 (Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **O Imperativo do Afeto na Educação Infantil: a ordem do discurso de pedagogas em formação**. Educ. Pesqui, São Paulo, v. 40, n.1, p. 231-246, jan/mar, 2014.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva, TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. **A Afetividade na Sala de Aula: um professor inesquecível**. Psicologia Escolar e Educacional. Vol.9, nº2, p.247-260, 2005.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; COLOMBO, Fabiana Aurora. **A Afetividade na Mediação do Professor da Pré-Escola**. Revista de Psicologia da UNESP, 2008.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e Processo Ensino-Aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psicologia da Educação nº 20. São Paulo jun. 2005.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBAUS, Claus Dieter. **Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação**. Educação. Porto Alegre, nº1, p.123-133, jan/abri, 2006.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary Nascimento. **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2009.

NUNES, Leonília de Souza. **Escuta Sensível do Professor: uma dimensão da qualidade da educação infantil**. 2009. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

PAULA, Sandra Regina de; FARIA, Moacir Alves de. **Afetividade na Aprendizagem**. Revista Eletrônica Saberes da Educação. Vol 1, nº 1, 2010.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola**. Psicologia Escolar e Educacional. Vol. 9, nº 2, p. 303-312, 2005.

REY, Fernando Luis Gonzales. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. 1. ed. Thomson, 2002.

RIBEIRO, Marivalda Lopes. JUTRAS, France. LOUIS, Roland. **Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa**. Psicologia da Educação. São Paulo, nº 20, jun, 2005.

SANTOS, Sandra Carvalho. **O Processo de Ensino- Aprendizagem e a Relação Professor-Aluno: aplicação dos “sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior”**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v.08, nº1, jan/mar, 2001.

SILVA, Milena Colazingari. **Preocupado, carinhoso, atencioso e paciente: uma análise sobre as qualidades do “bom professor” para estudantes de pedagogia e letras de uma universidade particular do estado de São Paulo**. Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, UNICAMP, Campinas, 2012.

VALLEJO, Pedro Morales. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

VASCONCELOS, Alexandra Alves de et al. **A presença do Diálogo na Relação Professor- Aluno.** V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22 de setembro, 2005.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. **Afetividade na Escola:** alternativas teóricas e práticas. Educ. Soc, Campinas. Vol.5. n.87, p. 616-620, maio/ago,2004.

VIGOTSKI, L.S. **O Desenvolvimento Psicológico na Infância.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança -** na teoria de Piaget. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança.** Lisboa: Edições 70, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE 1- QUESTIONÁRIOS

Entrevista Professora Claudia

Estado civil: solteira

Idade: 23

Filhos? Não

Moradia: Santa Maria

Renda familiar: 7.000

Instituição de formação: UnB

Pós graduação: não possui

1) O que é afetividade para você?

Pra mim afetividade são os laços sentimentais que temos com os outros.

2) Você acredita que é importante estabelecer um vínculo afetivo com o seu aluno? Por que? Para você estabelecer vínculos afetivos traz benefícios, vantagens para a criança?

Sim, muito importante. É preciso que o aluno tenha no professor segurança, respeito, admiração e confiança, pois assim é mais fácil fazer com que o processo ensino-aprendizagem funcione melhor, e assim a criança possa internalizar os conhecimentos transferidos em sala de aula, sejam eles formais ou informais.

3) Qual a relação da afetividade e aprendizagem na educação infantil?

No ensino infantil é onde as crianças tem maior necessidade de afeto e confiança. Caso não haja esses elementos, as crianças podem criar bloqueios, dificultando assim a internalização das informações que lhe são passadas.

4) O afeto teve alguma influência na sua escolarização? Cite exemplos.

Sim claro, até hoje lembro de duas marcantes professoras que tive na infância, a forma delas se relacionar comigo e com os outros alunos me marcaram, pois lembro claramente de atividades e brincadeiras que fizemos quando eu ainda tinha seis anos de idade. Já aos 13 anos, tive uma professor de literatura maravilhosa, e pelo relacionamento que tinha com ela, e por ver a paixão que ela tinha pela leitura, também

comecei a amar a ler, e vejo que sem esse exemplo, talvez não gostasse da leitura como gosto atualmente.

5) Você acha que é importante estabelecer um vínculo com a família dos seus aluno?

Sim, bons vínculos, seja com o aluno ou com seus familiares geram a confiança necessária no trabalho que nós professoras realizamos. Um pai precisa ter confiança na figura do professor pra poder deixar seu filho todos os dias sob a responsabilidade dele, e com essa confiança, o trabalho do professor pode ser tornar mais fácil.

Entrevista Professora Antonia

Estado civil: solteira

Idade: 29

Filhos? Não

Moradia: Guará

Renda familiar: 10.200

Instituição de formação: UniCesp

Pós graduação: não possui

1) O que é afetividade para você?

Para mim a afetividade tem relação com o carinho, cuidado e confiança.

2) Você acredita que é importante estabelecer um vínculo afetivo com o seu aluno? Por que? Para você estabelecer vínculos afetivos traz benefícios, vantagens para a criança?

É importante, pois o afeto gira o vínculo de confiança. Com certeza, a criança se sente especial e segura.

3) Qual a relação da afetividade e aprendizagem na educação infantil?

Na educação infantil, em especial, é importante que haja afetividade pois a criança que está em desenvolvimento também precisa desse suporte afetivo.

4) O afeto teve alguma influência na sua escolarização? Cite exemplos.

Até hoje, lembro-me da forma carinhosa e atenciosa que fui tratada por minhas primeiras professoras. Lembro-me de uma professora que reservava uma hora da semana para fazer cafuné e catar piolhos nos alunos. Outra fazia massagem (e ensinava a fazer nos colegas), sempre com abraços e palavras de carinho.

5) Você acha que é importante estabelecer um vínculo com a família dos seus aluno?

6)

Super importante, pois a confiança se torna mútua e o trabalho do educador mais completo.

Entrevista Professora Maria

Estado civil: solteira

Idade: 24

Filhos? Não

Moradia: Riacho Fundo

Renda familiar: 10.000

Instituição de formação: UnB

Pós graduação: não possui

1) O que é afetividade para você?

Afetividade é uma forma de mostrar seus sentimentos frente a uma determinada pessoa, situação. Seja ela boa ou ruim.

2) Você acredita que é importante estabelecer um vínculo afetivo com o seu aluno? Por que? Para você estabelecer vínculos afetivos traz benefícios, vantagens para a criança?

Sim, acredito. Para que a aprendizagem ocorra de forma efetiva, para mim, é necessário que o aluno confie no professor. Através dessa confiança, que ao meu ver surge através das manifestações sentimentais que acontecem entre ele e o professor o aluno vai

internalizando a aprendizagem e esta vai se transformando de uma aprendizagem meramente corriqueira e casual para uma aprendizagem significativa, que faz sentido.

3) Qual a relação da afetividade e aprendizagem na educação infantil?

A educação infantil é a porta da vida escolar, podemos dizer assim, para o aluno. Quando vivida com afeto isso tende a gerar uma gama de sentimentos a fim de que ele se sinta seguro para evoluir nas outras etapas da vida escolar.

4) O afeto teve alguma influência na sua escolarização? Cite exemplos.

Sim. Durante a minha fase de alfabetização. Tive professores ótimos muito carinhosos quando ensinavam. E esse carinho me fez sentir segurança na hora de aprender, na hora de tirar as minhas dúvidas. Ao mesmo tempo a falta de afeto me prejudicou muito. Tive uma professora de artes que era amargurada e estressada. Ela para mim é um péssimo exemplo de profissional.

5) Você acha que é importante estabelecer um vínculo com a família dos seus alunos?

É muito importante estabelecer esse tipo de vínculo com a família. Para o desenvolvimento do aluno como um todo, para comunicar algum problema na vida escolar. É muito importante!

Entrevista Professora Joana

Estado civil: solteira

Idade: 22

Filhos? Não

Moradia: Sobradinho

Renda familiar: 12.000

Instituição de formação: UCB

Pós graduação: não possui

1) O que é afetividade para você?

É um conjunto de manifestações de diferentes sentimentos.

- 2) Você acredita que é importante estabelecer um vínculo afetivo com o seu aluno? Por que? Para você estabelecer vínculos afetivos traz benefícios, vantagens para a criança?**

Sim. Porque por meio da afetividade podemos criar laços com os alunos, conhece-los, compreende-los e assim melhor auxilia-los no processo de aprendizagem.

- 3) Qual a relação da afetividade e aprendizagem na educação infantil?**

A Educação Infantil é o primeiro contato da criança com a escola. Logo a afetividade deve estar presente para proporcionar um sentimento de acolhida.

- 4) O afeto teve alguma influência na sua escolarização? Cite exemplos.**

Sim. Quando lembro dos meus professores, a primeira lembrança é em relação ao afeto. Lembro de uma professora em especial, “Tia Márcia, que se mostrava extremamente atenciosa e preocupada com a turma. E era um carinho, uma preocupação que iam além da sala de aula.

- 5) Você acha que é importante estabelecer um vínculo com a família dos seus alunos?**

Acho importante o convívio com a família para uma troca de informações sobre o aluno, uma vez que a aprendizagem não se dá apenas no espaço escolar.

